



ORIGEM

O desejo de dar continuidade ao que foi oferecido nos cursos desenvolvidos pelo Centro de Educação Transdisciplinar – CETRANS (“O Pensamento Transdisciplinar” e “Tópicos Avançados em Transdisciplinaridade: a teoria de Charles S. Peirce e o pensamento contemporâneo”), na Escola do Futuro - USP, em 2002, concretizou-se com a criação da Companhia de Aprendizagem, no mesmo ano, como um projeto experimental proposto e ligado ao CETRANS.

A Companhia de Aprendizagem nasceu do encontro de quatro pessoas que traziam um desejo comum e um desafio: aprofundar o conhecimento da abordagem transdisciplinar e desenvolver práticas formativas que evidenciem essa nova visão, essa nova atitude perante a formação, o conhecimento e o saber, consolidando-se numa nova práxis.

PROPOSTA

A COMPANHIA DE APRENDIZAGEM vem desenvolvendo, desde 2003, um trabalho voltado à vivência de um processo de formação em co-formação numa abordagem transdisciplinar e à geração de projetos a serem implementados por seus participantes nas áreas correntes do conhecimento, do ensino e do trabalho, considerando suas interrelações.

Organizada numa estrutura aberta de pesquisa-formação-ação, abre espaço para a descoberta de novas formas de conhecer e de aprender e para uma relação entre as pessoas e delas com o meio que valorize o Ser e a Vida.

Em sua ação, visa articular as diferentes dimensões da formação do ser humano: em sua relação com o mundo (ecoformação), com os outros (hetero e co-formação) e consigo mesmo (autoformação). A formação humana é um todo bio-psico-social que não pode ser dividido em partes nem reduzido a nenhuma delas.

No processo formativo, as práticas são construídas como um acompanhamento à reflexividade e à produção de saberes e de sentido pessoal, proporcionando oportunidades de intercâmbios coletivos. Elas são organizadas de maneira a sempre considerar as três dimensões do saber e do sentido:

- a dimensão didática dos saberes teórico-formais: o sentido como significação;
- a dimensão prática dos saberes da ação: o sentido como orientação no agir, sendo aí compreendido o agir intelectual;

- a dimensão simbólica dos saberes existenciais: o sentido como sensibilidade, compreendendo a dimensão simbólica da experiência vivida, a sensibilidade estética, o imaginário sócio-cultural e a dimensão mitopoética.

Essas três dimensões são trabalhadas alternadamente no transcurso do processo. Nessa alternância é possível reconhecer os diferentes saberes em sua originalidade e em sua pertinência recíproca, promovendo um cruzamento fértil entre eles. A alternância de saberes permite um diálogo em que os saberes teóricos, práticos e existenciais se interrogam mutuamente propiciando uma transformação da relação pessoal estabelecida com eles.

Como o processo formativo é organizado em torno do questionamento dos sujeitos sobre suas experiências, as práticas desenvolvidas são orientadas pela vida concreta das pessoas ou grupos e de acordo com os diferentes contextos (profissionais, educacionais, associativos...), participantes (alunos, profissionais, agentes comunitários...) e objetivos visados (aprimoramento pessoal ou profissional, re-orientação de vida, prática social...). O que é comum em todas elas é que *a reflexão sobre a experiência é o centro da formação, porque ela organiza, hierarquiza e orienta a aquisição e a produção de saberes.*

Nesse processo é indispensável o exercício da escuta sensível e do diálogo:

- na escuta sensível não se trata de reduzir o desconhecido ao que é familiar ou de banalizar as diferenças. Trata-se de uma dinâmica de criatividade, de uma suspensão de pressupostos para permitir a emergência de algo que não existia anteriormente, mas que estava potencializado, criando espaço para a sua atualização. A escuta sensível implica um exercício de auto-observação, de autodescoberta, saindo de um fechamento em si mesmo, indo além das palavras ouvidas para estabelecer uma nova relação com o que é dito.
- o diálogo estimula a pluralidade de idéias e melhora a comunicação entre as pessoas, promovendo a circulação e produção compartilhada de sentidos e significados. No diálogo a palavra liga em vez de separar, reúne em vez de dividir. O exercício do diálogo promove uma mudança no modo habitual de perceber, de participar e de compreender, estimulando a observação do processo de pensamento expresso na fala. O diálogo só será efetivo e satisfatório se houver escuta e respeito mútuos.

As práticas de acompanhamento do processo formativo - centradas na interação dos diferentes saberes – incluem sempre uma dimensão reflexiva. Essa dimensão reflexiva proposta pelo formador é também pressuposta em todos os atores em sua ação cotidiana, pois considera-se que a ação é uma interação reflexiva entre o sujeito, os outros e o meio ambiente.

Essas práticas são, então, organizadas em torno de uma primeira etapa reflexiva: o retorno reflexivo sobre a experiência. Ele pode ser realizado de diferentes formas: histórias de vida, diários de bordo, relatos de práticas, de experiências pessoais, formativas, profissionais, etc.

Mais do que uma técnica pedagógica, o retorno reflexivo implica uma reviravolta na ação formativa ao situar o ser no centro do processo e em diferentes níveis de percepção e de consciência. Como uma das estratégias da metodologia de acompanhamento da autoformação (GALVANI, 2001), ele possibilita uma tomada de

consciência de ser ao mesmo tempo sujeito e objeto da própria formação e aprendizagem. A percepção de ser ao mesmo tempo ator e observador de si mesmo – podendo experienciar, se distanciar da experiência, refletir sobre ela, estando aberto ao que emerge e à autorevelação como autor - contribui para o reconhecimento e atualização dos próprios potenciais, intenções e atitudes, dando sentido à experiência vivida e direcionando as ações futuras.

Esse retorno reflexivo vai permitir a transformação da experiência, por meio da problematização e conscientização, possibilitando a cada um reconstruir o seu trajeto formativo pessoal. Ao mesmo tempo em que abre para o exercício da intersubjetividade situando o sujeito e sua contribuição específica na construção da obra coletiva.

As produções reflexivas pessoais são, em seguida, trabalhadas coletivamente na exploração intersubjetiva. Esse momento de trocas é fundamental. Ao pluralizar as problemáticas, articulando o pessoal e o coletivo, ele favorece a tomada de consciência e a descentração dos *a priori* e das “evidências” subjetivas. Pois a autoformação supõe um duplo processo de emancipação dos determinismos sociais herdados e incorporados.

Cabe ao formador mediar o intercâmbio e os cruzamentos das reflexões pessoais, pluralizando os pontos de vista e ativando a conscientização dos pressupostos, dos hábitos de pensamento, das teorias implícitas, das obviedades. Cabe a ele também promover as mediações entre autoformação, co-formação e saberes formalizados (científicos, técnicos, artísticos, filosóficos, mitológicos, espirituais) numa perspectiva transdisciplinar.

Em sua atuação, a Companhia de Aprendizagem visa criar condições para que cada participante tome consciência do próprio processo formativo, reconhecendo estar em formação, viver em formação, e, nesse processo conjunto, experimentar novos modelos e instrumentais que contribuam para uma ação renovada e responsável rumo a um novo projeto civilizatório.

PERFIL FORMATIVO DA COMPANHIA DE APRENDIZAGEM

- Experiência *a priori* & Método *a posteriori*;
- Metodologia transdisciplinar que considera os pilares: complexidade, diferentes níveis de realidade e a lógica do terceiro incluído;
- Utilização de referenciais teóricos da abordagem Transdisciplinar e da Autoformação (Galvani e Pineau), entre outros;
- Mediação e acompanhamento dos processos de AUTOFORMAÇÃO EM CO-FORMAÇÃO
 - Legitimação do sujeito e do lugar de onde ele fala (níveis de realidade, de percepção e de consciência);
 - Escuta sensível e Registro;
 - Retorno reflexivo sobre a experiência;
 - Exploração intersubjetiva do sentido da experiência vivida e entrecruzamento dos saberes (formal, experiencial e sensível);
 - Busca do sentido como significação, orientação e sensibilidade;
 - Transito pelo simbólico e pelas diferentes linguagens: do eu e do *nós* (individual e coletivo internos) e do *isto* (individual e coletivo externos);
 - Itinerância: nos diferentes espaços/tempos;
 - Alternância: dos saberes, das temporalidades, dos tipos de interação;
 - Utilização de instrumentos heurísticos.